

# Nota Introdutória

## VENTOS DO SUL: Epistemologias interculturais na educação superior latino-americana

Este dossier temático dá conta dos 'ventos do sul' que nos trazem novas experiências no ensino superior, as quais merecem séria reflexão e podem inspirar o desenho de novos modelos de desenvolvimento do conhecimento "pluriversitário" (Santos, 2008). Neste início do século XXI, ventos de mudança sopram e atingem as instituições sociais, políticas, culturais, em todo o mundo, e as universidades, em particular. Pode mesmo dizer-se que elas têm estado no *olho do furacão*. A universidade tem ocupado uma posição inquestionada na produção do Conhecimento por excelência, sancionando e sancionada pelos estados-nação da modernidade. Nela se formaram as elites nacionais de governantes, se desenharam, refinaram e transmitiram as referências científicas e culturais do passado, presente e futuro e, finalmente, foi na universidade onde a identidade nacional se foi revigorando. Actualmente, a universidade reflete a crise da qual sofre o modelo Estado-Nação com a promoção da internacionalização, da transnacionalização, através da globalização e com a validação do multiculturalismo. Na Europa, o próprio processo de Bolonha anulou, até certo ponto, algumas tradições epistemológicas nacionais, hábitos culturais e pertinência local e, mais ainda, abriu as portas à internacionalização, transnacionalização e globalização. Para além da Europa, este desenho e implementação da Área Europeia da Educação Superior (EHEA) e a ideia de uma "economia do conhecimento" têm sido seguidas pelos governos de outras regiões do mundo e

têm inspirado a criação de políticas governamentais e não-governamentais, por exemplo na América Latina (Tiana-Ferrer, 2014). O efeito de espelho entre imagens das universidades na Europa e nas Américas oferece um campo interessante de análise colonial e pós-colonial (Teodoro & Guilherme, 2014).

As universidades, fundadas nas Américas nos tempos coloniais, eram organizações que, na sua maioria, transplantaram os modelos das suas instituições originais na Europa, inicialmente à sombra da Igreja e, mais tarde, do Estado-Nação. Apesar do seu simbolismo nacional e identidade, a Universidade tem sido descrita por vários autores como uma instituição “colonial” *per se* tanto na sua essência como na sua história (por exemplo, Magalhães, 2004) e, de facto, os modelos de universidade expandiram-se sempre de Norte para Sul, tanto dentro da Europa como da Europa para as colónias. Contudo, não deve ser ignorada a influência, *a posteriori* e em reverso, entre Norte-Norte, isto é, da América do Norte para a Europa. É tempo, pois, de a Europa começar a colher inspiração das novas fórmulas de ensino superior que estão a surgir no Sul. É o que nos parece justificar o interesse que poderá surgir entre os leitores da *Revista Lusófona de Educação* pela leitura deste dossier temático: - *Ventos do Sul: Modelos e epistemologias interculturais emergentes na educação superior na América Latina*. As chamadas universidades indígenas/interculturais na América Latina oferecem um modelo epistémico diferente que pode confrontar os cientistas europeus com outras formas de conhecimento. Mais ainda do que outros conteúdos ou outras metodologias de investigação, aqueles são colocados face-a-face com outras definições de conhecimento.

Com a internacionalização, perdida a hegemonia nacional, as universidades, em todo o mundo, têm traduzido o pragmatismo anglo-saxónico num modelo de produção e de gestão do conhecimento excessivamente simplificado e têm sido forçadas a implementar um modelo funcional que responde directamente ao mercado, tal como este nos aparece hoje em dia, quero dizer, sem visão contextual de futuro. É por isto mesmo que a crise de identidade da universidade coincide com a crise do paradigma da modernidade. Parece-nos, em consequência, que o amplo “metadiscurso” da modernidade foi simplesmente substituído por outra “metanarrativa” (Lyotard, 1986), a da globalização hegemónica na forma da “globalização mercantil da universidade” (Santos, 2005, p. 6, tradução nossa), resultando numa “estreiteza” da ideia actual do que é a universidade (Barnett 2013, p. 13-14, tradução nossa de “thinness”). Deste modo, parece-nos que aquilo que nos é apresentado como o epítome da modernidade, no que diz respeito ao ensino superior e ao seu devido contributo para com a sociedade, fica muito aquém dos desafios que lhe coloca o século XXI. Por isso mesmo, a obra de Ronald Barnett se tem tornado uma referência nos estudos europeus

sobre o ensino superior pelos seus apelos ao revigoramento do pensamento crítico nas universidades europeias. Nessa linha, procura revitalizar a ideia de “sabedoria”, como sendo a capacidade de perceber o que tem realmente valor para cada um e para os demais (Barnett & Maxwell 2008). Extrapolando esta ideia para um nível planetário, transnacional, internacional e até intra-nacional, esta visão do mundo não colide com a noção ontológica de “buen vivir” que os povos indígenas da América do Sul (os Aymara/Quechua, os Mapuche, os Kolla, os Maya, etc.) oferecem como contributo para a transformação que é exigida aos povos deste Mundo, a Mãe-Terra, para salvar o planeta (Mamani, 2010). Tanto a noção de “sabedoria” como a noção de “buen vivir”, embora com referência a diferentes tipos de racionalidade e modos de vida, não se contradizem na sua essência e podem “conversar” entre si, numa relação reciprocamente respeitosa, de modo a construir uma “ecologia de saberes” numa nova “Pluriversidade” (Santos, 2008).

É assim que, a partir de diferentes lugares, tanto sociais como geográficos se têm desenvolvido algumas teses a respeito do papel da educação superior na reprodução sistemática de uma visão particular do mundo. A partir dos temas que são considerados relevantes no espaço académico até à maneira como são abordados, passando pelo tipo de relação professor-aluno, a universidade convencional desconhece ainda muitas outras maneiras de interpretar e de resolver o mundo, bem como de construir outro tipo de relações entre os que *possuem* o conhecimento e o modo de o partilhar. O que é verdadeiramente complexo nesta leitura é a resolução de conflitos que supõem as relações desiguais entre uns conhecimentos “legítimos” e outros “alternativos”, estes relegados a um passado já ultrapassado.

Repensar as nossas práticas rotineiras nos espaços de educação requer fundamentalmente uma maneira inovadora de nos relacionarmos com a diferença e a construção do conhecimento. Este dossier temático dá-nos conta de diversas experiências e reflexões sobre a educação intercultural, partindo de propostas de acção colectiva e pedagógica interculturais que se tornaram práticas educativas dialógicas. Com efeito, este número reúne textos muito diversos que oferecem reflexões a partir de experiências diversas de educação intercultural no México, Colômbia, Brasil e Bolívia.

O primeiro artigo, intitulado *Hacia una interversidad de saberes: Universidad e interculturalidade*, de Estermann e Tavares propõe uma análise crítica sobre a ideia de “universidade” como legado colonial e aparelho reprodutor da civilização europeia e ocidental. Para o efeito, convidam-nos a reflectir sobre a desconstrução intercultural do conceito e das práticas associadas àquele e propõem uma outra terminologia, a de “interversidade”. Os autores apresentam

então a genealogia de uma “interculturalidade esquecida” e dos estudos superiores na China e no mundo árabe, contrariando a ideia de “universidade” na Idade Média europeia. Em *Abya Yala* a conquista militar e política requeria um suporte intelectual que serviu para fortalecer as elites crioulas e defender o empreendimento colonial. Neste sentido, os autores propõem uma “interversidade” e, em consequência, uma transformação intercultural da universidade. Este é um grande desafio para a pluralização cultural no processo de construção dos conhecimentos e a necessidade de pensar as pedagogias interculturais.

De seguida, o artigo de Manuel Pina Fernandes, com o título *Educação superior indígena no Brasil: releituras e perspectivas* oferece uma análise geral do percurso da educação superior indígena no Brasil através da discussão das suas políticas e práticas e também do real acesso destas populações ao ensino superior. Esta discussão é feita com base em pesquisa documental e na análise de publicações sobre o tema. Este estudo procurou estabelecer ligações entre aquilo que os autores denominam de “educação indígena” – que incluem na categoria de “educação informal” e “por imitação” – e a prática de educação superior inicialmente estruturada para atender a um extrato reduzido da população nacional, produtor de práticas e conceitos assaz diferentes daquela população indígena. Os autores desde artigo são críticos em relação aos resultados obtidos com estas atividades educativas dirigidas para a educação superior dos povos indígenas, apesar das ações afirmativas que têm sido legisladas.

Eustáquio Romão e Dirceu Benincá em *Movimentos sociais e Universidade Popular. Tensões e perspectivas nas relações entre Comunidade e Academia* fazem uma abordagem sobre a criação, instalação e consolidação de uma universidade numa região periférica do Brasil e o papel dos movimentos sociais neste processo. Estes movimentos sociais, que se desenvolveram no norte do Rio Grande do Sul, no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, e que se uniram no “Movimento Pró-Universidade Federal”, foram os grandes impulsionadores da fundação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFSS) numa região transfronteiriça, a Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul. Este artigo discute os resultados de um estudo empírico com base em entrevistas com lideranças de movimentos sociais e com dirigentes da universidade em questão e a evolução da instituição, posteriormente à sua instalação, tendo como referência os pressupostos que presidiram à sua criação e os referenciais teóricos da pedagogia crítica de Paulo Freire.

No artigo *How Intercultural is an “Intercultural University”?* *Some lessons from Veracruz, Mexico*, os autores Laura Mateos Cortés e Gunther Dietz oferecem-nos um relevante trabalho qualitativo, igualmente a partir do caso mexicano, realizado na Universidade Intercultural de Veracruz. Este processo surge

da educação bilingue intercultural básica e secundária e a proposta correspondente foi concebida para jovens indígenas que foram historicamente excluídos das filiais de educação superior convencionais. Para os autores, este processo implicou a constituição de um subsistema educativo no México composto por 11 universidades interculturais durante a primeira década do ano de 2000. Um dos pilares deste subsistema consiste na aproximação ao conhecimento local e na recuperação das tradições e dos valores comunitários. Os autores retomam o conceito de “ecologia de saberes” de Boaventura de Sousa Santos para explicar o projecto de *Intersaberes*, que se estabelece entre os múltiplos actores participantes: - professores, estudantes, comunidade, agentes de desenvolvimento, autoridades locais, entre outros.

No seu artigo, em *Universidades interculturales e indígenas en México: sus desafíos académicos e institucionales*, Zaira Navarrete-Cazales e Armando Alcántara-Santuario fazem uma análise sobre os processos das universidades interculturais no México como uma política do Estado através do *Programa Nacional de desarrollo para Pueblos Indígenas 2001-2006*. Neste cenário, os autores apresentam os desafios académicos e organizacionais que estas universidades representam. De igual modo, mencionam outros programas e acções implementadas, tais como os programas de bolsas oferecidos por instituições de educação superior convencionais, o trabalho de investigação realizado pelos centros universitários e ainda os projectos interculturais existentes em instituições convencionais privadas e públicas. É deste modo que no México se articulam universidades interculturais, programas e acções a partir das instituições convencionais, o que constitui um importante desafio para outros países da região.

De seguida, Angela Santamaria, em *Del fogón a la “Chagra”: Mujeres, liderazgo y educación intercultural en la Amazonía colombiana y en la Sierra Nevada de Santa Marta*, descreve e caracteriza algumas experiências de educação superior intercultural na Amazônia colombiana e na Serra Nevada de Santa Marta no Caribe colombiano, através da metodologia das trajectórias de vida de quatro mulheres colombianas. A reconstrução das vidas destas mulheres permite ver, em concreto, os êxitos e os acertos, mas também as dificuldades, para entender a reprodução das relações de dominação, as rupturas do poder masculino e as linhas de acção das líderes indígenas que, no interior ou no exterior das suas comunidades, lutam por mudanças nos papéis masculino/feminino e pelo acesso das mulheres indígenas à educação superior.

Finalmente, numa tentativa de análise circular do tema neste dossier, o artigo de Manuela Guilherme e Filipa Lourenço apresenta de novo uma reflexão sobre o projecto de universidade na modernidade e a relevância de pensar e conhecer modelos e experiências emergentes, neste caso, de novo na Bolívia.

As autoras colocam cronologicamente a par dos desafios ontológicos e epistemológicos que as universidades indígenas interculturais, recentemente criadas na América Latina, têm empreendido com as exigências de internacionalização e transnacionalização feitas às instituições de educação superior pelos governos nacionais, organizações transnacionais e, sobretudo, pelo contexto académico global. Neste sentido, chamam a atenção para a relevância das universidades ditas convencionais tomarem em consideração as inovações e experiências interculturais realizadas em qualquer ponto do globo, no contexto da educação superior. O artigo também discute perspectivas ontológicas e epistemológicas ignoradas e que o conhecimento universitário deve, na opinião dos autores, considerar, traduzir e comparar/contrastar a fim de empreender a busca por uma “ecologia de saberes”.

### Referências:

- Barnett, R. & Maxwell, N. (2008) (eds.) *Wisdom and the University*. London: Routledge.
- Barnett, R. (2013). *Imagining the University*. London: Routledge.
- Liotard, J. F. (1986). *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press (1<sup>st</sup> edn, 1979).
- Magalhães, A. M. (2004). *A Identidade do Ensino Superior. Política, Conhecimento e Educação numa Época de Transição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mamani, F. H. (2010). *Vivir Bien/Buen Vivir: Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales*. La Paz, Bolivia: Instituto Internacional de Integración (III-CAB).
- Teodoro, A. & Guilherme, M. (eds.) (2014). *European and Latin American Higher Education between Mirrors: Conceptual framework and policies of equity and social cohesion*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Tiana-Ferrer, A. (2014). The impact of the Bologna process in Ibero-America: Prospects and challenges. In A. Teodoro & M. Guilherme (eds.) *European and Latin American Higher Education Between Mirrors* (pp. 125-136). Rotterdam: Sense Publishers.
- Santos, B. S. (2008). A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. In B. S. Santos & N. Almeida Filho *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova* (pp. 15-78). Coimbra: Almedina.

**Manuela Guilherme & Angela Santamaria**